

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação – FACE
Curso de Letras

**O Realismo psicológico de Machado de Assis:
um estudo da obra *Dom Casmurro* na sociedade contemporânea**

André Santana Machado

Brasília, Setembro de 2006

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação – FACE
Curso de Letras

**O Realismo psicológico de Machado de Assis:
um estudo da obra *Dom Casmurro* na sociedade contemporânea**

Monografia apresentada como
requisito parcial para conclusão do
curso de Licenciatura em Letras pela
Faculdade de Ciências da Educação
do Centro Universitário de Brasília –
UniCEUB, tendo como Professor-
orientador Amauri Rodrigues da
Silva.

André Santana Machado

Brasília, Setembro de 2006

Dedicatória

Dedico este pequeno estudo aos leitores da sociedade brasileira contemporânea, marcada pela massificação das artes, especialmente, a arte da palavra escrita: a literatura.

Agradecimentos

Rendo graça e louvor ao meu Senhor e Salvador Jesus, que me deu o privilégio de concluir este curso e elaborar este trabalho. Agradeço, em especial, aos meus pais, pelo amor, apoio e investimento em minha vida profissional, bem como aos meus irmãos, pela confiança em mim depositada. Aos amigos de classe, que de Deus recebi durante o curso, para quem a palavra “colega” é pouco diante do que realmente representam em minha vida. Pela amizade, obrigado. Ao meu professor e orientador Amauri, pela imensa paciência no processo de elaboração desta monografia. E também a todos os mestres do curso, pelo conhecimento que me transmitiram durante a graduação.

Se não fosse a literatura – poesia, ficção – nada saberíamos do mistério individual dos outros, do seu mundo interior, da multiplicidade psicológica do homem. O terreno da literatura é (...) aquela parte dos outros, ou de nós mesmos, que só pode ser conhecida através da confiança.

Augusto Meyer

Resumo

Dom Casmurro é a história de um amor destruído pelo ciúme, pela dúvida e por um hipotético adultério. Marcado pela incerteza, o romance está estruturado na narrativa memorialística de cunho psicológico, na qual, Bento, o narrador personagem se dispõe a unir “as duas pontas da vida” ao evocar o passado no ato da narração.

O realismo psicológico, estilo do qual a obra em questão é representante, refere-se à preferência do narrador pela descrição psicológica das personagens, em detrimento da ênfase na ação, no enredo, nas complicações. Poucas são as intrigas e quase não há pretexto exterior para a narração. O que justifica, fundamenta e é a motivação do livro é a análise da mente humana, a partir dos mínimos detalhes de uma atitude qualquer.

Dessa maneira, este trabalho está fundamentado na análise da complexidade que o microrrealismo – realismo psicológico – confere à obra, bem como num estudo da sociedade contemporânea e a forma pela qual *Dom Casmurro*, como exemplo de obras dessa natureza, tem sua leitura substituída pela leitura de textos da literatura de longo alcance, chamada de literatura de massa.

Palavras-chave: Literatura de massa – Microrrealismo machadiano – Sociedade brasileira contemporânea

Sumário

Introdução.....	07
Cap. 1: <i>Dom Casmurro</i> e a sociedade brasileira da segunda metade do século XIX.....	08
Cap. 2: O microrrealismo machadiano.....	22
Cap. 3: <i>Dom Casmurro</i> e a sociedade brasileira contemporânea: um contraste de literaturas.....	34
Conclusão.....	48
Referências.....	49

Introdução

O sistema literário brasileiro só tem sua real consolidação com Machado de Assis, a partir da publicação das obras de sua segunda fase, dita realista, a qual se inicia com *Memórias póstumas de Brás Cubas* e termina com *Relíquias de Casa Velha*. Situado entre os referidos extremos, está o romance *Dom Casmurro*, obra-prima de Machado e representante do mais perfeito equilíbrio prosaico do autor.

É uma tarefa envolvente e, ao mesmo tempo, difícil elaborar um estudo inovador acerca de *Dom Casmurro*, principalmente quando se levam em consideração as inúmeras publicações referentes à obra, entre artigos, críticas, ensaios, livros etc. Mas a perspicácia de Machado, presente nas entrelinhas do romance, permite que, a cada dia, um novo aspecto ou recorte possa ser feito sobre a obra.

É esta a justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa: uma abordagem do referido romance, a partir do microrrealismo que fundamenta a estrutura da narrativa, e a forma pela qual tal romance é encarado na sociedade contemporânea, tendo em vista a presença da literatura mercadológica de amplo alcance.

As mais importantes fontes de pesquisa usadas nesse trabalho foram Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, John Gledson, José Aderaldo Castello, Muniz Sodré, Lúcia Miguel Pereira, Mariza Veloso e Angélica Madeira, Teixeira Coelho, dentre outros.

O presente trabalho está dividido em três capítulos, tendo início com a contextualização da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX – momento de publicação da obra –, seguida de um estudo do microrrealismo machadiano, e tendo fim com a análise da sociedade brasileira contemporânea e o contraste entre obras como *Dom Casmurro* e textos da literatura de massa, presentes em tal sociedade.

CAPÍTULO I

Dom Casmurro e a sociedade brasileira da segunda metade do século XIX

A literatura, como forma de manifestação artística veiculada por meio da linguagem escrita, é imbricada de valores, idéias, correntes estéticas e ideológicas a partir das quais o escritor evidencia sua visão de mundo, bem como a realidade que o cerca. Esses são fatos que permitem localizar certa obra em determinado período cronológico e, ao mesmo tempo, analisar a perenidade de tal escrito. Essas e outras particularidades constituem alguns dos requisitos da conseqüente avaliação e apreciação a que se submetem autor e obra, graças ao caráter multifacetado¹ da produção literária, a qual também se manifesta como meio de confiança do autor, que revela seu próprio mundo através do mundo ficcional.

Desse modo, é possível inferir que, como forma de confiança, a literatura revela a duplicidade da produção artística humana. Se, por um lado, é permeada de subjetividade – verificada no estilo de cada escritor em particular –, por outro, ela está condicionada a determinado período cronológico, estrutura social e corrente estética. Assim, em meio a outras características adquiridas ao longo de sua existência, a literatura é determinada por dois fatores que lhe conferem especial peculiaridade. Trata-se, a princípio, da análise do material literário sob ou a partir da sociedade em que se manifesta e a análise do mesmo a despeito da individualidade de seu autor, independentemente de quaisquer circunscrições histórico-sociais.

Por hora, como se verificará a seguir, interessa-nos a análise da obra a partir da sociedade de que faz parte. Ou melhor, interessa-nos situar tal obra na sociedade

¹ A obra literária é assim caracterizada pelas ligações que estabelece com os vários ramos do saber ou, por assim dizer, áreas de concentração. A título de exemplo, cabe citar: sociologia, antropologia, psicologia, história, estudos culturais, entre outros.

em que primeiro se manifestou, a fim de que se possa compreender as motivações de tal produção, o retrato que faz da referida sociedade e os efeitos da obra na circunscrição social em questão, posto que, uma vez situada em determinada localização histórico-cultural, a obra literária será influenciada pelo pensamento social de então, evidenciando, explícita, ou implicitamente, as relações que fazem aflorar os reais valores da referida sociedade. Cabe ressaltar que, ainda que, em determinada obra, o autor não aponte a sociedade, ou seja, o meio, como fator determinante no desenvolvimento da narrativa, no enredo ou na constituição dos personagens, a mesma tem seu papel na construção da obra, mesmo que como mero pretexto ou pano de fundo para a criação da trama.

Tomando, portanto, o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, como objeto de estudo para o presente trabalho de monografia, faz-se necessário analisar a sociedade brasileira da segunda metade do século XIX – período em que é publicado o romance –, assim como fazer um levantamento das principais mudanças científicas e culturais de então, pois, além daquilo acerca de que se discorreu nas linhas acima, de acordo com Alfredo Bosi, apenas “o estudo atento dos processos sociais desencadeados nesse período fará ver as raízes nacionais que nem sempre se identificam com a massa de influências européias então sofridas.”²

Tendo relevância na interpretação da obra literária e no estudo do desenvolvimento intelectual do autor, a necessidade de conhecimento do contexto social da obra literária também se fundamenta na linha de estudo de Afrânio Coutinho, para quem os aspectos histórico-sociais e biográficos, a não ser no que contribuem para a explicação do desenvolvimento de um autor, colocam-se em segundo plano, pois o ideal, segundo tal linha de pensamento, é unir a crítica aos

² BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 185.

fatores históricos, estes subordinados ao ponto de vista daquela³. Assim, é mister unir esses fatores à crítica que se segue nesse trabalho.

De que trata, pois, o romance *Dom Casmurro*? Em suma, do amor e da traição. Mas sob outra ótica e a partir de relações sociais que refletem um confronto à sociedade do período. É de tais relações sociais assim como a análise do período em que elas acontecem que trata o presente capítulo.

A princípio, a obra teve sua primeira edição publicada em 1889, por H. Garnier⁴, livreiro-editor, impresso, como todos os livros da editora àquela época, em Paris; sua divulgação, no Rio de Janeiro, se deu em 1900. A título de curiosidade, vale lembrar que a referida editora, como uma das mais importantes do período, representava, para as obras que editava e, conseqüentemente, para seus autores, um prestígio que se manifestava pelo reconhecimento que tal produção literária teria. É preciso ressaltar, não obstante, que, mesmo passando a circular já em 1900, no Brasil, a história da obra abrange os anos entre a segunda metade e o final do século XIX, e se passa no Rio de Janeiro. O próprio autor o diz ao se referir ao primeiro fato, que dá início à narrativa: aconteceu numa tarde de novembro de 1957, conforme o capítulo III. Nesse aspecto, verifica-se a clareza da definição dada por Bosi ao romance realista como aquele que aprofunda a narração de costumes do século XIX⁵. Tais costumes podem ser verificados em *Dom Casmurro*, característica que lhe confere, dentre outras, a acepção de romance realista.

Mas o que caracteriza o século XIX? E qual a relação da obra em questão com tal século, mais precisamente com sua segunda metade? Antes de demais considerações sobre os fatos que compõem o quadro social de tal período

³ COUTINHO, A; COUTINHO, E. de A. *A Literatura no Brasil*. Vol. IV, p. 04.

⁴ COUTINHO, A; SOUSA, J. G. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Vol I, p. 606.

⁵ BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 188.

no Brasil, é imprescindível lembrar, como afirma Coutinho, que o século XIX é “uma época cultural da maior relevância para o Brasil”⁶, dadas as circunstâncias históricas nacionais e internacionais que delineiam o perfil da sociedade a ser nesse capítulo abordada. As circunstâncias a que aqui se faz menção coincidem com o advento da civilização burguesa e da indústria – que prefiguram mudanças no campo sócio-político brasileiro – assim como a penetração da ciência no mundo das idéias, que, ainda segundo Coutinho, “produziram um impacto tão grande no espírito ocidental, que o dominaram quase por completo.”⁷

De modo geral, tais idéias se situam no campo da biologia e das ciências humanas. Surgiram na Europa e, como tudo o que era oriundo do Velho Mundo, tiveram repercussão, em diferentes níveis, na sociedade brasileira. Dessa forma, os intelectuais da época, responsáveis pelo processo de consciência nacional, fundamentam seu pensamento, basicamente, em torno da filosofia positiva⁸, de Augusto Comte; e do evolucionismo⁹, de Spencer e Darwin. A referida transformação nas idéias aconteceu primeiramente na forma de pensamento dos homens e, desde então, passou à vida, ao mundo e aos valores da sociedade, de maneira que, com a ascensão dessas ciências como a explicação real para os questionamentos que até então não eram racionalmente solucionados, essa mesma sociedade torna-se, gradativamente, adepta do materialismo, em detrimento da

⁶ COUTINHO, A; COUTINHO, E. de A. *A Literatura no Brasil*. Vol. IV, p. 05.

⁷ *Ibid.*, p. 06.

⁸ Positivismo ou filosofia positiva: sistema criado por Auguste Comte (1798-1857), e desenvolvido por inúmeros epígonos, que se propõe a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas. É também chamado de comtismo e se caracteriza pelo cientificismo, metodologia quantitativa e hostilidade ao idealismo. Cabe ressaltar que, uma vez adotando tal postura, pensadores e especialmente escritores rejeitam qualquer tipo de idealização ou espiritualismo de cunho romântico.

⁹ Evolucionismo: conjunto de doutrinas, entre as quais se destacam a de Spencer (1820-1903) e a de Darwin (1809- 1882), que considera a concepção filosófica evolucionista - o desenvolvimento inevitável do real em direção a estados mais aperfeiçoados - um modelo explicativo fundamental para o incessante fluxo de transformações do mundo natural, biológico e espiritual, com vistas à seleção natural (abordagem darwinista) para explicar a origem, a transformação e a perpetuação das espécies ao longo do tempo.

religiosidade que há muito já perdia foco na sociedade, desde o século XVIII, com o Iluminismo¹⁰. Tanto que esse princípio da era do materialismo, no mundo, foi, consoante Coutinho, “uma continuação do iluminismo e do enciclopedismo do século XVIII (...)”¹¹ Assim, a sociedade europeia, permeada pelos novos valores trazidos por tais teorias, mantém-se no posto de modelo para a sociedade brasileira da segunda metade do século XIX.

Quanto ao Brasil propriamente dito, só a partir do século XIX – momento em que as idéias já vistas tornam-se o fulcro dos intelectuais – a sociedade passa a lidar com uma onda de transformações que culminam com a formação da consciência nacional, já em fins desse século. Nas palavras de Mariza Veloso e Angélica Madeira, o século XIX é o “momento em que ocorrem grandes mutações políticas e sociais”, pois “inaugura uma nova maneira de pensar e de inscrever o país na modernidade ocidental.”¹² É justamente nas idéias que passam a fulgurar da Europa para o resto do mundo, nesse período, que se encontra a mola propulsora da modernidade aqui referida. Começava, no Brasil, o tardio processo de consciência nacional e cultural. Sílvio Romero (1926), ativo intelectual do momento em questão, falando dessas tão incisivas mudanças, citado por Alfredo Bosi, afirmou: “Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte.”¹³

Entretanto, para que tais idéias viessem a ter campo no meio nacional, um longo processo histórico-social se configurou no território brasileiro desde o início do

¹⁰ Iluminismo: movimento intelectual do século XVIII, caracterizado pela centralidade da ciência e da racionalidade crítica no questionamento filosófico, o que implica a recusa a todas as formas de dogmatismo. Baseou-se na especulação das doutrinas políticas e religiosas tradicionais. Também conhecido como Filosofia das Luzes, Ilustração, Esclarecimento, Século das Luzes. Deu-se junto ao Enciclopedismo, que consiste, sumariamente, na orientação intelectual básica dos enciclopedistas do XVIII: a de fazer o acúmulo sistemático dos conhecimentos nos diversos ramos do saber.

¹¹ COUTINHO, A; COUTINHO, E. de F. *A Literatura no Brasil*. Vol. IV, p. 06.

¹² VELOSO, M; MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*, p. 75.

¹³ BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 184.

século XIX, por meio da vinda da família real portuguesa, em 1808. Com a chegada da corte de Dom João VI ao Brasil, a cultura brasileira, constituída ao longo de três séculos de colonização, foi significativamente alterada, trazendo várias mudanças para a sociedade, sobretudo no campo intelectual, o qual, como se viu, passa a desenvolver a inteligência nacional propriamente dita.

Apesar de, na configuração histórica da obra – a história se passa a partir de 1857 –, ser outro o imperador, que não o próprio D. João, é importante citar a presença da sua figura em *Dom Casmurro*, como aquele que poderia solucionar os problemas que, no momento, Bentinho enfrentava, de acordo com o Capítulo XXIX:

Em caminho, encontramos o Imperador, que vinha da Escola de Medicina. O ônibus em que íamos parou, como todos os veículos; os passageiros desceram à rua e tiraram o chapéu, até que o coche imperial passasse. Quando tornei ao meu lugar, trazia uma idéia fantástica, a idéia de ir ter com o Imperador, contar-lhe tudo e pedir-lhe a intervenção.¹⁴

Quando da presença de D. João no Brasil, esse se torna Império e, por conseguinte, em seu território, criam-se instituições culturais como a Imprensa Régia, Biblioteca Real e Banco do Brasil; Jardim Botânico, criado como Real Horto (1808); Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios; Escola Médico-Cirúrgica de Salvador (1815) e do Rio de Janeiro (1813); Academia Real Militar (1811) e Escola Naval (1808); e Museu Imperial (1818). Segundo Veloso e Madeira, tais instituições “deveriam garantir critérios de legitimação de práticas culturais, embora o acesso a tais instituições ficasse restrito a grupos da elite.”¹⁵ A partir de tais acontecimentos, acentuam-se aspectos da diferença de classe sócio-cultural na sociedade. Em decorrência disso, ela fica caracterizada por aqueles que têm acesso à cultura, pois pertencem à elite pequeno-burguesa, ou aqueles que pertencem à elite, pois têm

¹⁴ MACHADO DE ASSIS, *Dom Casmurro*, Cap. XXIX, p. 212.

¹⁵ VELOSO, M; MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*, p. 64.

acesso a essa cultura, fato que deixa à parte os que não têm acesso a tal cultura, por não serem da elite, ou aqueles que não pertencem à elite por não terem acesso à cultura. Sob esse ponto de vista, cultura e elite são interdependentes e, ao mesmo tempo, condicionantes uma da outra. Com muita propriedade, por meio do narrador da obra, Machado de Assis trata dos referidos aspectos, no que se refere à disparidade socioeconômica e cultural entre Bentinho e Capitu. Pois seu casamento se dá, além da promessa da mãe, a despeito de certa resistência da família do jovem, por preconceito de classe. Nota-se tal situação nas tentativas de José Dias de não permitir que ambos viessem a namorar, como no excerto abaixo, em que o agregado maldiz Capitu e deprecia seu pai:

(...) A gente Pádua não é de todo má. Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. Oh! A adulação! D. Fortunata merece estima, e ele não nego que seja honesto, tem um bom emprego, possui a casa em que mora, mas honestidade e estima não bastam, e as outras qualidades perdem muito o valor com as más companhias em que ele anda. *Pádua tem uma tendência para gente reles. Em lhe cheirando a homem chulo é com ele.* (grifo meu)¹⁶

Outro acontecimento que imprime na sociedade um novo rumo, bem como dá à literatura, ao menos em tese, ares nacionais, é a Independência (1822). Esta, nas palavras de Veloso e Madeira, “impõe reordenamentos políticos e sociais, que se viabilizam pela absorção de princípios liberais que subjazem à transformação do estatuto da ex-colônia em Império.”¹⁷ Ademais, cultura e política convergiram, iniciando a formação do Estado nacional brasileiro. Essa autonomia política teve grande importância na organização dos intelectuais e da própria literatura, pois o

¹⁶ MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*, Cap. XXV, p. 208.

¹⁷ VELOSO, M; MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*, p. 64.

próprio Machado de Assis, no ensaio intitulado “Instinto de Nacionalidade”, observou que a independência política era condição para a independência literária. Todavia, ainda afirmando ser a independência literária o reflexo da autonomia nacional, Machado não pertence ao grupo dos que, exacerbadamente, defendiam a “cor local”, pois, citado por José Aderaldo Castello, afirma que o que faz um escritor ser nacional é aquele “sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.”¹⁸

Durante o Segundo Reinado (1840-1889), começa, efetivamente, a efervescência das mudanças sociais que apenas mostraram sinais de existência no início do século. É na segunda metade do século que se assinalam mudanças importantes no quadro brasileiro. Para Nelson Werneck Sodré, algumas dessas mudanças “provêm do agravamento de condições antigas. Outras surgem de fatores novos que vêm quebrar o ritmo nacional de desenvolvimento econômico e encontram reflexo no ambiente social e político do tempo.”¹⁹

Não obstante, quando Machado de Assis nasce, em 1839, já no fim da primeira metade do século XIX, o Brasil passa a trilhar, de fato, os primeiros passos rumo à sua própria identidade cultural, pois até então ocorrera apenas uma gama de processos que, conforme se verificou, proporcionaram a real atividade em prol dessa identidade. Assim, apesar dos novos horizontes que escritores, críticos e pensadores brasileiros passaram a contemplar – em função da explosão de idéias e teorias trazidas da Europa, as quais passaram a se impor em meio às ciências –, o Brasil ainda carregava muito de suas condições antigas, tomando novamente as palavras de Sodré. Isto significa que o agravamento das mesmas condições, conforme Sodré, foram fruto, segundo Sílvio Castro (1999), “da sobrevivência e continuidade da

¹⁸ MACHADO DE ASSIS, *Crítica Teatral*, pp. 19-20.

¹⁹ SODRÉ, N. W. *História da Literatura Brasileira*, p. 382.

desgastante herança colonial.”²⁰ No romance *Dom Casmurro*, essa persistência da herança de valores do sistema colonial no Brasil do Segundo Reinado pode ser verificada, em meio a vários momentos, na relação de favores que se estabelece na sociedade de então, exemplificada pelo agregado José Dias, personagem que retrata, junto à família de Bentinho, a referida situação:

Era nosso agregado desde muitos anos; meu pai ainda estava na antiga fazenda de Itaguaí, e eu acabava de nascer. Um dia, apareceu ali vendendo-se por médico homeopata; levava um *Manual* e uma botica. Havia então um andaço de febres; José Dias curou o feitor e uma escrava, e não quis receber nenhuma remuneração.

Então meu pai propôs-lhe ficar ali vivendo, com pequeno ordenado. José Dias recusou, dizendo que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.

(...)

Voltou dali a duas semanas, aceitou casa e comida sem outro estipêndio, salvo o que quisessem dar por festas. (...) Um dia, reinando outra vez febres em Itaguaí, disse-lhe meu pai que fosse ver a nossa escravatura. José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou confessando que não era médico.

(...)

Não foi despedido, como pedia então; meu pai já não podia dispensá-lo. Tinha o dom de se fazer necessário; dava-se por falta dele, como de pessoa da família. Quando meu pai morreu, a dor que o punziu foi enorme, disseram-me, não me lembra. Minha mãe ficou-lhe muito grata, e não consentiu que ele deixasse o quarto da chácara; ao sétimo dia, depois da missa, ele foi despedir-se dela.

- Fique, José Dias.

- Obedeço, minha senhora. (grifo meu)²¹

É preciso ter em mente que, tanto na obra machadiana, quanto nos dizeres de Sílvio Castro, o brasileiro do século XIX “se confrontava com um sistema de classes sociais muito limitado”²², pois é possível afirmar que tais classes se resumem em dois grandes grupos: o das classes privilegiadas e minoritárias – a aristocracia, os grandes proprietários não oficialmente integrantes da nobreza imperial, a intelectualidade, os empregados públicos, os comerciantes e os aderentes a essas diversas categorias – e outro, composto de homens livres, empregados, artesãos,

²⁰ CASTRO, S. *Da história da literatura brasileira*. Vol II, p. 330.

²¹ MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*, Cap. V, p. 182.

²² CASTRO, *Da história da literatura brasileira*. Vol II, p. 331.

operários não qualificados, trabalhadores urbanos ou agrícolas. É possível também afirmar a existência de um terceiro grupo, de proletários ou subproletários. Abaixo de todos se encontravam os escravos, que constituíam a mão-de-obra quase absoluta na economia nacional.

À medida que o século XIX vai avançando, todas as transformações que se vinham processando na estrutura brasileira, e que se denunciavam desde o início da segunda metade do século, começam a assumir aspectos evidentes e definir sua fisionomia, por meio de reformas, contrastes e choques que se alastram a todos os domínios da atividade. Um desses aspectos evidencia-se na mudança da economia agrária, a qual, lentamente, passa a se estabelecer no ambiente citadino. A cidade, o ambiente burguês por excelência, com suas ruas, parques, lojas, praças, casas etc, passa a representar muito mais que o simples lugar onde se vive, assumindo, por conseqüência, a qualidade de ambiente da produção intelectual, desenvolvimento socioeconômico e progresso. Por conseguinte, há também a transição de valores tradicionais da aristocracia rural dos proprietários de terra para uma vida pautada no intelectualismo do ambiente urbano. No que se refere ao ambiente em que se baseia a narrativa, a mudança para a cidade pode ser facilmente percebida em *Dom Casmurro*, pois a trama, em si, acontece no Rio de Janeiro. Ademais, na história, Bentinho faz menção a dois momentos distintos, conforme o Capítulo V: um, na sua primeira infância, em que vive numa propriedade rural, em Itaguaí; e outro, em que passa a morar no Rio de Janeiro, aí permanecendo. Ademais, quando da morte do pai, sua mãe vende a fazenda e os escravos, como se pode observar em trecho do Capítulo VII:

Minha mãe era boa criatura. Quando lhe morreu o marido, Pedro de Albuquerque Santiago, contava trinta e um anos de idade, e podia voltar para Itaguaí. Não quis; preferiu ficar perto da

igreja em que meu pai fora sepultado. Vendeu a fazenda e os escravos, comprou alguns que pôs ao ganho ou alugou, uma dúzia de prédios, certo número de apólices, e deixou-se estar na casa de Matacavalos, onde vivera os dois últimos anos de casada.²³

Dentre as inúmeras novidades no campo sociopolítico e cultural, a maturação das leis no Brasil é, também, um dos primeiros sinais da consciência nacional. Não foi por acaso, como declara Sodré, que “as transformações afetaram todos os domínios, especialmente o do Direito.”²⁴ Nesse momento, surgem os grandes juristas, como os personagens que definiram certos traços da inteligência brasileira, identificados, segundo Sodré, “num plano em que a atividade refletia profundamente um jogo de interesses.”²⁵ Em *Dom Casmurro*, esse fato se dá em face da valorização que José Dias demonstra à faculdade de Direito, como a saída para Bentinho não ingressar no seminário. Isso ocorre no capítulo XXVI, intitulado “As leis são belas”:

(...) Não prometo vencer, mas lutar; trabalharei com alma. Deveras, não quer ser padre? As leis são belas, meu querido... Pode ir a S. Paulo, a Pernambuco, ou ainda mais longe. Há boas universidades por esse mundo afora. Vá para as leis, se tal é a sua vocação.²⁶

Quando o século XIX se aproxima do fim, as mudanças no quadro social brasileiro se acentuam cada vez mais. Especialmente no final do século, a Abolição da escravatura, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889, colocaram desafios ao reordenamento político e social nos planos interno e externo. Prova disso, é a política de imigração que se adota a partir de então, como forma de

²³ MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*, Cap. VII, p. 185.

²⁴ SODRÉ, N. W. *História da Literatura Brasileira*, p. 492.

²⁵ *Id.*

²⁶ MACHADO DE ASSIS, Cap. XXVI, 210.

substituição da antiga mão-de-obra escrava, pela mão-de-obra barata do estrangeiro. Dessa forma, os negros libertos ficaram à margem da sociedade pois, além de jamais terem conhecido o trabalho assalariado e como lidar com tal, eram discriminados pela sociedade cujo governo os havia libertado.

Merece destaque, nesse momento, a análise da forma como é tratada uma das mais importantes instituições do século XIX: a família, ou melhor, o matrimônio. Contextos históricos à parte, a maneira com que o casamento é visto, em *Dom Casmurro*, não difere, em tese, da maneira com que o mesmo se apresenta na ficção romântica: como a única forma de estabilidade socioeconômica da mulher. Todavia, os meios pelos quais tal estado é conquistado divergem. Ao passo que, no romance romântico, a mocinha era, por vezes, forçada a se casar com alguém que não o seu amor, apenas para oferecer à família de seu pai certa segurança econômica, em *Dom Casmurro*, a atitude de Capitu, em relação ao casamento, é diferente. A protagonista trama situações, e planeja friamente a maneira de conseguir se casar, e assim, apresentar-se como representante da burguesia de que outrora não fazia parte. Portanto, a devoção pelas coisas materiais, nesse capítulo exposta, levou a referida sociedade a uma profunda mudança de valores. Essa atitude se expressa pelo já mencionado esforço de Capitu em ascender socialmente. Isso se justifica, por certo, no fato de a mulher brasileira do século XIX não ter saída para afirmar-se como alguém independente e para tornar-se alguém em condições de viver de acordo com sua individualidade. Apenas o matrimônio lhe dava essa chance na sociedade. Como não podia agir como melhor lhe parecesse, era forçada a enquadrar-se no código social vigente, e ao fazer parte do almejado meio social, passar a viver conforme seus valores. Tais afirmações podem se fundamentar no

comportamento de Capitu, ao exibir-se com o marido, recém-casados, para mostrar os “sinais exteriores do novo estado”, como mostra o capítulo CII:

A alegria com que pôs o chapéu de casada, e o ar de casada com que me deu a mão para entrar e sair do carro, e o braço para andar na rua, tudo me mostrou que a causa da impaciência de Capitu eram os sinais exteriores do novo estado. *Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo também.* (grifo meu)²⁷

Num âmbito geral, em meio a mudanças como a implantação da corte no Brasil, seguida da Independência, da Abolição, logo depois, da República; tanto quanto aspectos como a ascensão da burguesia como nova classe detentora do poder econômico e cultural, a limitação na divisão de classes no Brasil, a formação da consciência cultural junto à inteligência nacional, tudo isso permeado pelas idéias e teorias que invadiam as ciências biológicas e humanas, é possível dizer que o século XIX, especialmente sua segunda metade, constitui o mais significativo momento na formação da sociedade brasileira.

Dessa maneira, a segunda metade do século XIX estende-se como o mais rico e diversificado período da história do País, como fator determinante na consolidação de certos valores sociais, em detrimento de antigas atitudes do sistema colonial. Sabendo ser esse o momento em que aflora a intelectualidade brasileira, com a consolidação do sistema literário nacional, cujo maior expoente é justamente Machado de Assis, com *Dom Casmurro* representando o perfeito ponto de equilíbrio da narrativa ficcional, todo o processo de transformações da sociedade é representado pela fundação da Academia Brasileira de Letras (1897).

²⁷ MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*, Cap. CII, p. 302.

Enfim, é numa sociedade transformada em certos aspectos do advento da modernidade, mas arcaica em outros pontos, relativos à estagnação de características do sistema colonial, que é publicado o romance *Dom Casmurro*. Com efeito, a obra, muito além de esboçar o perfil da sociedade e do período aqui analisados, tem seu maior valor na caracterização psicológica do indivíduo, assunto abordado no capítulo que se segue.

CAPÍTULO II

O microrrealismo machadiano

Como se viu no capítulo anterior, *Dom Casmurro*, como romance situado no Realismo e representante dele, apresenta, dentre outros recortes, um perfil da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. Com efeito, mais que esboçar uma fotografia fiel do meio social em que se contextualiza, a obra exemplifica o princípio de um tipo especial de realismo cujas verdades só se obtêm mediante a disposição e absoluto empenho no detalhe, no particular, na essência, conforme lembra John Gledson¹. Dessa maneira, feitas as devidas considerações no que concerne à sociedade e ao período em que *Dom Casmurro* passa a circular e que retrata, no presente capítulo, trata-se do fenômeno literário conhecido como *microrrealismo*, também chamado de *realismo psicológico*, do qual o livro é um dos mais perfeitos representantes na Literatura Ocidental. Ademais, abordar-se-ão aspectos da obra que evidenciam tal assertiva. Assim, será possível compreender a forma pela qual, em *Dom Casmurro*, o enredo e a ação exterior dão lugar à descrição psicológica dos personagens.

Como já se mencionou, a obra em questão se enquadra, a princípio, no Realismo. Grosso modo, mediante as circunstâncias que caracterizavam o período, os autores da segunda metade do século XIX buscavam, em suas obras, um mundo mais real, mais objetivo, abandonando as idealizações e o emocionalismo romântico exarcebado, visto que a geração de então, chamada geração do materialismo, permite que tal sociedade seja vista, analisada e classificada como a “sociedade do

¹ GLEDSON, J. *Machado de Assis: Impostura e Realismo*, p. 07.

real”². O considerável avanço das ciências, associado a transformações econômico-sociais muito profundas, já analisadas nesse trabalho de monografia, propiciou o aparecimento da literatura dita realista. O que tipifica os escritores da época é a sua visão mais objetiva do homem e do mundo, presos antes à realidade do que a um mundo idealizado. Em decorrência disso, abandonam o escapismo romântico para se fixarem na realidade vista ou vivida.

Assim, o cientificismo e o livre-pensamento dominantes da segunda metade do século XIX foram, em grande medida, responsáveis pela “cientifização” da literatura, que passou a ser um estudo do ser humano e do meio social em que ele se movimenta. Com efeito, os autores preocuparam-se, antes de tudo, com a realidade, com fatos, todos eles importantes para a caracterização do homem e do ambiente estudados. Por conseguinte, aspectos formais, como a narrativa, sofreram transformações. Ela se tornou lenta, tida, por vezes, como monótona. Também a estrutura gramatical dos romances passa a ser articulada de outra maneira, pois os escritores de então se preocuparam com a perfeição da linguagem, a qual também deveria ser próxima da realidade.

Ao situar *Dom Casmurro* no Realismo, certos pontos devem ser observados, visto que, uma vez adotado o critério de divisão periódica pelos movimentos e estilos, devem ser levadas em conta características que vão muito além da mera divisão cronológica, em termos estético-literários. Portanto, antes de se falar em microrrealismo, é de suma importância agrupar aspectos e conceitos que caracterizam o Realismo em si, visto que aquele é uma ramificação ou tipo especial desse.

² A sociedade da segunda metade do século XIX é assim caracterizada pela grande influência da ciência, como meio de rejeição da religião. Uma vez que há uma maciça valorização daquilo que é material, com existência concreta e comprovada, ela é, aqui, intitulada “sociedade do real”, conceito que se reflete na literatura e nas artes em geral do período.

Ora, segundo Coutinho, a palavra *realista* deriva de *real*, oriunda do adjetivo do baixo latim *realis*, *reale*, que por sua vez deriva de *res*, coisa ou fato³. Dessa forma, o Realismo indica e trata de fatos, numa perspectiva que encara a realidade tal qual é. Logo, ele se ocupa do que é perceptível pelos sentidos, acessível à observação, a partir de um arranjo de fatos selecionados e unificados que apontam para uma direção que foge ao ilusório e a tudo aquilo que não seja passível de observação e comprovação. Enfim, o Realismo analisa a vida objetivamente, e por meio da técnica de documentação, interpreta essa vida. Tal exposto constitui uma das razões pelas quais a literatura realista tanto difere da romântica, posto que, no Romantismo, o ideal é a liberdade, ainda que esta leve o escritor a caminhos tão distantes daquilo a partir de que o realista constrói sua obra: a realidade em si. Então, a obra realista é, de modo geral, caracterizada pela objetividade na linguagem, na descrição e na narração, além de um esmero, por parte do escritor, em transmitir ao leitor a realidade tal qual é, e não como deveria ser. É o que se pode verificar nas palavras de Bento, narrador de *Dom Casmurro*, ao afirmar, acerca da narração que se propõe a fazer: “Viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo.”⁴

Portanto, qual a relação de *Dom Casmurro* com o Realismo? E, além disso, o que vem a ser o mencionado realismo psicológico, do qual a obra é representante? Primeiramente, é indispensável reiterar que, ainda que situado no Realismo, o romance aqui estudado apresenta nuances que dele fazem uma obra não apenas possuidora de características do estilo em questão, visto que, como lembra Afrânio Coutinho, o século XIX é “um campo onde se cruzam e entrecruzam, avançam e recuam, atuam e reagem, umas sobre as outras, ora se prolongando, ora opondo-se

³ COUTINHO, A; SOUSA, J. G. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Vol I, p. 1343.

⁴ MACHADO DE ASSIS, *Dom Casmurro*, cap. II, p. 178.

diversas correntes estéticas e literárias.”⁵ Desse modo, *Dom Casmurro* é possuidor de uma unicidade e, paralelamente, uma abrangência exclusivas na literatura brasileira, vez que a genialidade que lhe é imprimida leva a obra a horizontes artísticos bem mais amplos do que aqueles que restringem uma produção literária às rígidas características de alguma corrente estética.

A princípio, o Realismo busca a verdade por meio do retrato fiel das personagens. Assim, suas personagens são, antes, indivíduos concretos, conhecidos, do que tipos genéricos. Na obra analisada, por exemplo, isso se verifica mediante o exposto de Bentinho sobre Capitu, qualificando-a de modo singular: “Capitu era Capitu, isto é, *uma criatura mui particular*, mais mulher do que eu era homem (grifo meu)”⁶ Mesmo que venham a representar certas misérias ou virtudes do gênero humano, os personagens possuem sua particularidade, o que Machado valoriza sem medidas, ao dedicar, por meio do narrador, um capítulo especial à caracterização dos personagens secundários. Trata-se dos capítulos IV, V, VI, VII e XVI, em que são caracterizados, respectivamente, José Dias, Tio Cosme, Dona Glória e o velho Pádua. Em linhas gerais, os incidentes do enredo decorrem do caráter dos personagens e os motivos humanos dominam a ação. Não obstante, nas palavras de A. Hibbard, em sua obra *Writers of the Western World* (Boston, 1942), citado por Coutinho, o Realismo se realizou em duas direções: para o corpo e a vida exterior, e para a alma e a vida interior⁷. Na direção da alma (mente) e da vida interior se situa o microrrealismo, ou realismo psicológico. É mediante os referidos aspectos – de minuciosa descrição das personagens – e de outros a que se prestará análise no capítulo, que se caracteriza *Dom Casmurro* como obra microrrealista. Em

⁵ COUTINHO, A; COUTINHO, E. de A. *A Literatura no Brasil*. Vol. IV, p. 05.

⁶ MACHADO DE ASSIS, *Dom Casmurro*, Cap. XXXI, p. 178.

⁷ A; COUTINHO, E. de A. *A Literatura no Brasil*. Vol. IV, p. 10.

tal direção, os personagens são seres humanos completos, vivos, cujos motivos, razões de ação e emoções são analisados numa perspectiva psicológica. Daí a relação do período, ainda segundo Hibbard, com a psicologia, pois, como atesta a história, a escrita de *Dom Casmurro* se deu junto ao desenvolvimento da ciência da alma humana.

Portanto, ao contrário do Realismo de modo geral, que se detém na análise da realidade mediante acontecimentos exteriores, o realismo psicológico se detém na procura das causas mais profundas das aparências comportamentais, isto é, na intensa busca do mínimo e do escondido: expressões, gestos, olhares. Desse modo, se uma obra é construída numa abordagem microrrealista, valorizam-se os pormenores da superfície que revelam a vastidão interior dos personagens. Ademais, o menor detalhe e a mais simples atitude constituem significativo material na composição psicológica dos personagens, o que resulta numa caracterização minuciosa e precisa do seu interior. Conseqüentemente, o enredo e a ação dão lugar a essa caracterização interior, lembrando que os fatos exteriores só são considerados na medida em que desvendam o interior, os motivos profundos de uma ação qualquer. Eis a explicação para a narrativa lenta na obra machadiana, pois tais detalhes, narrados e analisados com precisão, delineiam o perfil psicológico dos personagens. Tal é a essência do microrrealismo: o interior, a alma, o personagem como indivíduo, e não como fruto do meio em que vive.

É momento, pois, de reconhecer as peculiaridades de *Dom Casmurro*, no que concerne aos contrastes com os paradigmas que nortearam a literatura da segunda metade do século XIX, lembrando que tal literatura é marcada pela preocupação com a realidade – aqui entendida como a realidade social, ou seja, exterior. Diante das palavras de Théophile Gautier, mencionado por Alfredo Bosi, “sou um homem para

quem o mundo exterior existe”⁸, cabe analisar, a “impostura”⁹ do autor de *Dom Casmurro* quanto à afirmação de Gautier. A princípio, como escritor microrrealista, para Machado de Assis, a análise dos caracteres é fulcro de sustentação da obra. No romance aqui analisado, a realidade submetida à análise do narrador não se localiza nos efeitos sociais sobre o homem, mas na alma humana como regente de todas as suas ações. Para José Aderaldo Castello, Machado “caminha para a concepção do personagem como uma realidade autônoma, definida nos limites do universo.”¹⁰ Vale a pena, pois, reescrever, em suas próprias palavras, seu posicionamento quanto à devassa psicológica a que os personagens de Machado são submetidos:

Verifica-se, então, que o processo dedutivo do equacionamento do personagem com esquema preestabelecido é substituído pelo processo analítico do caráter do personagem, de maneira que o próprio personagem alimenta a ação romanesca ou ficcional. A ação é o reflexo da realidade interior do personagem, ganhando em complexidade, à medida que esta realidade se confronta com outras tantas distintas e paralelas, conflitivas ou harmoniosas, em termos de relações humanas e sociais. *Em suma, o romance é o personagem (...)* (grifo meu)¹¹

Ora, se o romance é o personagem, a narrativa gira em torno do protagonista, que, em *Dom Casmurro*, é Capitu. A partir da análise que Castello presta à obra machadiana, é possível afirmar, portanto, que o romance é Capitu. Logo, se *Dom Casmurro*, como obra, se fia, entre outros pontos, à análise da personalidade de Capitu, constata-se, mais uma vez que, de fato, a obra é microrrealista, lembrando que como tal, ela está em busca das descobertas dos segredos da alma. Esse é mais um ponto que difere o romance machadiano das obras românticas e, até

⁸ BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 186.

⁹ Essa é uma das palavras que dá título à obra de John Gledson, *Machado de Assis: impostura e realismo*, em que o autor oferece uma interpretação de *Dom Casmurro* diversa da convencional.

¹⁰ CASTELLO, J. A. *A Literatura Brasileira – Origens e Unidade. Vol I*, p. 379

¹¹ *Id.*

mesmo, obras realistas circunscritas a paradigmas, fato que o coloca numa posição singular quanto à dicotomia realismo exterior / realismo interior. Não obstante, essa importante característica de *Dom Casmurro* dá a idéia de que o homem e a sua condição existencial são bem mais significativos do que a subordinação ao contexto social e às circunstâncias condicionadoras.

Como prova de tal afirmação, basta atentar que Machado de Assis não insere nesse romance nada que venha a valorizar, ou mesmo apresentar o darwinismo, importante corrente científica que permeia a literatura do século XIX e tomada como eixo norteador na composição de obras de outros escritores do período. Assim, importante passo para compreender o microrrealismo machadiano é o fato de que, para Machado, as circunstâncias externas não determinam rigidamente a natureza do ser humano, o que, para escritores adeptos de tal linha de pensamento, era fator determinante na caracterização de seus personagens. Como prova disso, vale a pena mencionar que, ao contrário de Bento, cujas atitudes são sempre regidas pelas circunstâncias, Capitu se comporta de forma diversa da comumente esperada em face das situações vividas no romance, como mostra o seguinte fragmento, em que o próprio Bento se indaga acerca do domínio próprio da namorada, logo após um momento de intimidade entre eles:

Gurgel tornou à sala e disse a Capitu que a filha chamava por ela. Eu levantei-me depressa e não achei compostura; metia os olhos pelas cadeiras. Ao contrário, Capitu ergueu-se naturalmente e perguntou-lhe se a febre aumentara.

- Não – disse ele.

Nem sobressalto nem nada, nenhum ar de mistério da parte de Capitu; voltou-se para mim, e disse-me que levasse lembranças a minha mãe e a prima Justina, e que até breve; estendeu-me a mão e enfiou pelo corredor. Todas as minhas invejas foram com ela. Como era possível que Capitu se governasse tão facilmente, e eu não?¹²

¹² MACHADO DE ASSIS, *Dom Casmurro*, Cap. LXXXII, p. 280.

Desse modo, tomando *Dom Casmurro* como exemplo, Machado de Assis é o tipo de escritor que passa, na formação de seus universos ficcionais, da preferência do social à valorização do individual. Ou seja, o homem não é mais visto através da sociedade. Em *Dom Casmurro*, a sociedade é que passa a ser vista através do homem¹³. E tanto indivíduo, quanto sociedade são, nessa obra, revelados a partir do que Bentinho apresenta em seus relatos, visto que é narrador em 1ª pessoa. Nos meandros de tal fato, o indivíduo, como o centro das atenções *real*, objeto de estudo *real*, possuidor de uma mente *real*, da qual partem ações *reais*, é um poço do qual afloram, na narrativa, evidências que pendulam entre virtudes e misérias. Enfim, a narrativa machadiana é um mundo interior que se revela à medida que, sob a já mencionada descrição psicológica, o narrador disseca a alma do personagem. E tal análise se dá, na narrativa, por meio de momentos em que, interrompendo o relato propriamente dito, Bentinho se fia em certas ações e comportamentos descritos para, a partir deles, divagar acerca da personalidade de algum personagem, bem como os motivos interiores que teriam levado tal personagem a agir da forma analisada pelo narrador. É isto o que acontece de forma expressiva em *Dom Casmurro*, conforme o excerto seguinte, em que, após relatar uma conversa com Capitu, o narrador se presta a análise das curiosidades da namorada, relacionando reflexões ocorridas no momento da conversa com as que tece no momento da escrita do livro:

Capitu quis que eu lhe repetisse as respostas todas do agregado, as alterações do gesto e até a pirueta, que apenas lhe contara. Era minuciosa e atenta; a narração e o diálogo, tudo parecia remoer consigo. Também se pode dizer que conferia, rotulava, pregava na memória a minha exposição. (...)

Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de vária espécie, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo.

¹³ CASTELLO, J. A. *A Literatura Brasileira – Origens e Unidade. Vol I*, p. 380.

(...)
Tudo era matéria às curiosidades de Capitu, (...) ¹⁴

Com o intuito de “atar as duas pontas da vida”, por meio da narração, Bento Santiago se coloca num ângulo de visão em que, na tentativa de resgatar na velhice a adolescência, seus relatos e reflexões podem ser vistos sob pontos de vista distintos. Analisado à luz do realismo psicológico, o livro apresenta um Dom Casmurro que se coloca, em comparação a um consultório psicológico, como paciente e como analista. Como paciente, Bentinho relata ao leitor uma vida que, para si mesmo, acaba por apresentar um vazio existencial, pois ele afirma o seguinte: “Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. (...) Se só me faltassem os outros, vá, um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo e essa lacuna é tudo.” ¹⁵ Dessa maneira, o leitor seria o analista, pois, como afirma Juracy Assmann Saraiva, o narrador convoca o leitor a fazer parte do processo de produção da obra, “instigando-o a interpretar, constituir e recriar a narrativa pelo preenchimento das lacunas, as quais podem levar à rejeição do processo de denúncia.” ¹⁶ Como analista, o narrador se presta, como já se viu, a conhecer os motivos mais profundos do interior dos seus, principalmente Capitu. Isso revela, pois, o caráter confidencial da obra, conferindo-lhe uma singular complexidade.

Além das explicitações até agora feitas, a fim de que *Dom Casmurro* seja situado como obra microrrealista, é importante ter em mente a postura do narrador em relação à alma humana, a qual descreve de forma metafórica com perfeição. É justamente isso o que leva Bentinho a ter a alma – no sentido de mente – como

¹⁴ MACHADO DE ASSIS, *Dom Casmurro*, Cap. XXXI, p. 216.

¹⁵ MACHADO DE ASSIS, *Dom Casmurro*, Cap. II, p. 178.

¹⁶ SARAIVA, J. A. *O circuito das memórias em Machado de Assis*, p.121.

vasto material de análise. Desse modo, a alma, assim descrita e dissecada durante a obra, é o que, de fato, constitui a essência do romance, o que, novamente coloca às claras o realismo psicológico em *Dom Casmurro*. Atente-se, pois, para o fragmento abaixo:

A alma da gente, como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro. Também as há fechadas e escuras, sem janelas, ou com poucas e gradeadas, às semelhanças de conventos e prisões. Outrossim, capelas e bazares, simples alpendres e paços suntuosos.¹⁷

Em virtude da complexidade com que se apresenta o romance, Bentinho e Capitu são verdadeiros enigmas, visto que, mediante a análise que lhes fez a crítica literária desde o momento de circulação da obra, novas e distintas interpretações passaram a fazer parte do conjunto das apreciações a que a obra esteve e está submetida. Nas palavras de Wellington Almeida Santos, a leitura de *Dom Casmurro* não pode descartar “as leituras que dele fizeram os críticos, em diferentes épocas.”¹⁸ Assim sendo, como podem ser caracterizados Bentinho e Capitu?

Na obra, o narrador quer induzir o leitor a pensar que ela é uma falsa, hipócrita, calculista, enganadora, simuladora e dissimulada: juízos de valor para os quais as provas, quando há, são, por vezes, relativas. E quanto ao próprio narrador, Bentinho? Como caracterizá-lo? Um fraco? Neurótico? Ou, de fato, o marido traído? Essa situação é mais uma das características da complexidade e da genialidade de Machado, pois dando margem a inúmeras interpretações, ele faz de *Dom Casmurro*, o chamado romance aberto, vez que certas dúvidas permanecem em aberto até o

¹⁷ MACHADO DE ASSIS, *Dom Casmurro*, Cap. LVI, p. 251.

¹⁸ SECCHIN, A. C; ALMEIDA, J. M. G; SOUZA, R. de M. *Machado de Assis: uma revisão*, p. 115.

final da obra. É o que, nas palavras de Alfredo Bosi, podemos chamar de “itinerário das dúvidas em Machado de Assis.”¹⁹

Uma vez que a narrativa é uma retrospectiva, realizada à voz do segundo personagem principal, Bentinho, o caráter dos personagens é visto graças à interpretação sua apenas. Desse modo, é impossível resolver o grande enigma da hipotética traição de Capitu, pois sua vida, suas ações e sua personalidade são apresentadas ao leitor mediante um único ângulo: o de Bentinho. E ainda que Capitu tenha, de fato, sido dissimulada em certas situações, não é possível dizer o mesmo no que se refere ao adultério. É preciso ter em mente, não obstante, que, muito mais que um romance sobre o adultério, *Dom Casmurro* é uma obra em que são colocadas em evidência, as misérias humanas. Nessa linha de pensamento, ao colocar os fatos longe do alcance do leitor, Machado fugia, como mostra Coutinho, à técnica realista da fidelidade à verdade absoluta, exterior, para ficar patamar do provável, de modo que sua obra-prima ganhasse uma densidade simbólica e misteriosa, que a torna “um desafio permanente para todas as gerações”²⁰, o que se traduz nas palavras do próprio Bentinho, ao afirmar, no capítulo XXXVII, que “... a alma é cheia de mistérios”.

Assim, na perspectiva microrrealista, Lúcia Miguel Pereira afirma que “*Dom Casmurro* é o mais humano dos livros de Machado.”²¹ Tal afirmação é apenas um dos reconhecimentos que muitos estudiosos de sua obra lhe prestaram, no aspecto psicológico de sua arte. Ainda segundo suas palavras, Machado “procurou os conflitos psicológicos, os dramas da vida interior, nos quais o homem de todas as latitudes revela uma grande identidade.” Já, segundo Tristão de Ataíde, num ensaio

¹⁹ BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 203.

²⁰ COUTINHO, A; SOUSA, J. G. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Vol I, p. 606.

²¹ PEREIRA, L. M. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 241.

publicado no volume *À margem da História da República*, também lembrado por Lúcia Miguel Pereira, Machado “abandonou, pouco a pouco, toda a exterioridade para mergulhar no mundo interior.”²² E é por meio do mergulho no mundo interior, traduzido pelo microrrealismo, que, na obra de Machado, ação e enredo perdem espaço para a descrição psicológica dos personagens. Ao reconhecer que, de fato, a arte tem a função de revelar o mundo, ao invés de reproduzi-lo, deve-se reconhecer, também que, em *Dom Casmurro*, Machado de Assis o faz, deixando de simplesmente reproduzir um ambiente exterior para revelar um mundo interior. “Um mundo que se esconde por fora e se mostra por dentro”²³.

²² PEREIRA, L. M. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, p. 293.

²³ Título de um artigo de Carlos Faraco, presente na obra *Dom Casmurro*, na Série Bom Livro, publicada pela editora Ática.

CAPÍTULO III

***Dom Casmurro* e a sociedade brasileira contemporânea: um contraste de literaturas**

Uma das características que conferem a determinada obra literária o patamar de *clássico* é a sua perenidade ao longo dos tempos. Assim, *Dom Casmurro* é aclamado como clássico da literatura universal, e como tal, desfruta desse tão importante atributo das obras clássicas. Essa perenidade é um dos motivos pelos quais, em diferentes momentos históricos, são feitas novas e distintas leituras desse romance, lembrando que cada uma revela uma nova descoberta ou viés de interpretação e análise. É também graças a esse caráter universalizante – a atemporalidade – que uma obra pode ser analisada em diferentes sociedades, no que concerne a tempo e espaço. Isso a submete, conseqüentemente, a apreciações e críticas estabelecidas a partir de critérios específicos de cada momento de uma sociedade. Dessa maneira, o romance aqui analisado permanece nas letras brasileiras como obra-prima, isento da estagnação de muitas produções literárias contemporâneas, visto que a superficialidade destas é reflexo das especificidades do momento, do ambiente social e das circunstâncias em que tais obras são produzidas.

Posto que, graças à sua perenidade, *Dom Casmurro* ainda é objeto de discussão e análise na atualidade, objetiva-se, no presente capítulo, traçar um perfil dos principais acontecimentos que permeiam a sociedade brasileira contemporânea¹. A partir de então, será possível analisar o significativo contraste entre a literatura da qual *Dom Casmurro* é representante e a literatura de consumo

¹ Entenda-se por sociedade contemporânea, no presente trabalho de monografia, a sociedade nacional e internacional a partir dos acontecimentos situados no contexto Pós-Segunda Guerra Mundial, que marca o advento do capitalismo, bem como a ascensão dos Estados Unidos como nova potência mundial.

da referida sociedade. Isso se fará mediante o microrrealismo machadiano, analisado no Capítulo II desse estudo e as características da referida literatura de consumo, também chamada de literatura de massa².

Logo, o que caracteriza a sociedade contemporânea? Um dos mais importantes fatores que consolidaram o sistema de relações socioeconômicas da segunda metade do século XX e início do século XXI é a globalização. Segundo Júlio José Chiavenato, ela “é um processo que age sobre o homem (grifo meu)”³ Ora, agindo sobre o homem, tal fenômeno se reflete na sociedade e sua estrutura como um todo. Ainda segundo Chiavenato, as consequências sociais e econômicas de tal processo transformaram o estilo de vida da humanidade, em que “valores éticos e morais, o uso da ciência e das artes, enfim, a cultura criada pela humanidade em milênios está sendo modificada, substituída e (...) afetada radicalmente.”⁴ É esta modificação na cultura e na arte, especialmente na literatura, em contraste com a arte da qual Machado é representante, o assunto a ser tratado nas linhas que se seguem, uma vez contextualizada a sociedade contemporânea, lembrando que, nas palavras do autor:

(...)... assistimos a um processo de rapidez incrível na troca de informações e nas relações econômicas, com influência imediata no comportamento dos povos. As culturas, os idiomas, o consumo e os hábitos de milhões de pessoas são afetados instantaneamente, quando as mercadorias e as idéias chegam ao mesmo tempo em todas as partes do mundo. A criança que há pouco tempo brincava com bichinhos de pelúcia ou madeira não pode ser a mesma que hoje explode planetas virtuais nos *video games* (...) O adulto que tem à disposição a parafernália eletrônica é diferente daquele que há poucos anos fazia uso dos velhos aparelhos mecânicos.⁵

² Este conceito se refere aos textos de longo alcance, cuja origem remete ao aparecimento do folhetim. Com efeito, a referida designação aponta, atualmente, para textos que se tornam um produto na sociedade capitalista. Ou seja, trata-se de uma literatura de consumo, baseada nas necessidades superficiais de seu público. A título de exemplo, a conhecida expressão *best-seller* se refere às obras de literatura de massa de alta vendagem.

³ CHIAVENATO, J. J. *Ética globalizada e sociedade de consumo*, p. 05.

⁴ *Id.*

⁵ *Ibid.*, p.08.

De que maneira, pois, tais mudanças vêm a ocorrer? E a partir de quais fatores uma nova literatura entra no chamado cenário global? E em que aspectos tal literatura difere, ou melhor, se distancia da arte consagrada de Machado de Assis e outros autores que eternizaram suas obras? Cabe, primeiramente, analisar as mudanças pelas quais passaram o Brasil e o mundo a partir da década de 1940, e suas conseqüências na arte produzida a partir de então.

Sem esquecer que a globalização é um processo mais antigo do que se cogita, – ela remete às descobertas científicas do século XIII e às grandes navegações do século XVI – tal sociedade é o resultado desse amplo fenômeno. Não obstante, é a partir do século XX, marcado pelas Grandes Guerras Mundiais, que os efeitos desse processo se notam numa perspectiva internacional. Para Mariza Veloso e Angélica Madeira, nas décadas posteriores ao Modernismo, “observa-se uma maior especialização do campo intelectual e uma diferenciação mais nítida entre a produção artística e o pensamento social.”⁶ Ora, essa especialização e aperfeiçoamento do campo intelectual se deve, dentre outras razões, à internacionalização das ciências de modo geral, espalhadas ao redor do mundo pelo sistema capitalista de economia, que tem seu advento com a ascensão hegemônica dos Estados Unidos da América após a Segunda Grande Guerra. Todavia, a arte se distancia do pensamento social, pois também ela é internacionalizada, e assim, deve se ajustar aos valores da então “sociedade global”, que se configuram, basicamente, numa palavra: consumo. Tal assertiva se baseia no fato de que, depois da Segunda Guerra Mundial, no conjunto das transformações daí oriundas, consolida-se a modernização brasileira, com o crescimento do parque industrial, o rápido processo de urbanização e a intempestiva entrada de indústrias e

⁶ VELOSO, M; MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*, p. 179.

capital estrangeiro no país⁷. Dessa maneira, acontece uma “inserção subalterna do Brasil no sistema capitalista internacional”⁸. O Brasil passa a ser o paciente, o alvo da globalização. É assim que sua inserção nesse sistema é subalterna. Por conseguinte, a arte passa a sofrer os efeitos desse processo de afirmação do capitalismo na comunidade global. São os efeitos da globalização.

Com efeito, entre as décadas de 1940 e 1950, as ciências sociais começam a se institucionalizar em centros acadêmicos de ensino e pesquisa⁹, como lembram Veloso e Madeira. Todavia, as desigualdades sociais implicaram um maior distanciamento do povo com relação a tais ciências, cujo acesso continuou sendo privilégio da elite. Dentre tais instituições, destacou-se o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), de cujo seio fazia parte o grupo da elaboração do “plano de metas”, do governo de Juscelino Kubitschek, um dos responsáveis pelo surto de modernização da época, que se manifesta pela transferência da Capital do Estado para o Planalto Central e a construção de Brasília. Ao mesmo tempo em que a modernização globalizava o País, as diferenças econômicas distanciavam cada vez mais a cultura das camadas populares.

Em meio a tais discrepâncias, aconteceram várias manifestações culturais e políticas entre as décadas de 1950 e 1960. Uma delas foi o Movimento de Educação e Base (MEB), por meio do conhecido método de alfabetização e conscientização elaborado por Paulo Freire.¹⁰ No mesmo período, outra importante manifestação sócio-cultural foi desenvolvida pelo ISEB junto à União Nacional dos Estudantes: os Centros Populares de Cultura (CPCs), os quais se propunham a desenvolver a

⁷ VELOSO, M; MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*, p. 179.

⁸ *Id.*

⁹ *Ibid.*, p. 180.

¹⁰ Foi professor e criador de métodos educativos. É considerado um dos grandes pedagogos da atualidade e respeitado mundialmente. Nasceu em 1921, no Recife; e morreu em 1997, em São Paulo.

consciência do povo, aproximando os artistas e intelectuais das massas. Todavia, cabe perguntar se tais massas preparadas para lidar com tal incentivo ao lastro cultural de que gozavam as camadas da elite. Por certo que não, uma vez que, como já se disse, as ciências sociais começaram a se institucionalizar em centros acadêmicos, aos quais, por sinal, as massas não tinham acesso. Da mesma maneira, é importante analisar até que ponto as políticas de alfabetização, como a de Paulo Freire, aproximaram o povo da cultura letrada. Se na sociedade brasileira do século XIX o povo não se interessava por esse lastro cultural letrado, clássico, por não saber ler, no século XXI esse desinteresse se sustenta não no analfabetismo – infelizmente ainda presente no Brasil –, mas na existência de um outro tipo de literatura, criada para as massas e comercializada como produto da indústria capitalista. Isso exprime mais um dos efeitos da globalização: a massificação da arte, que, cabe reiterar, não é mais um objeto de fruição estética, e sim um produto da indústria capitalista.

Não obstante, a partir de 1964, com a implantação do regime militar, ocorreram muitas mudanças no que se refere à cultura de modo geral. Como lembram Veloso e Madeira, houve “redefinições políticas e ideológicas que transformaram, de modo radical, as condições de produção cultural e artística.”¹¹ Com a ditadura, todo o esforço dos grupos de intelectuais, artistas e grupos culturais em geral de conscientizar o povo por meio da arte foi, de certa forma, frustrado, devido à alienação a que deviam estar sujeitas as massas. Para as referidas autoras, o Brasil testemunhou o desmantelamento dos grupos políticos, artísticos e científicos até ali estabelecidos. Instalou-se o rígido controle da produção cultural pela

¹¹ VELOSO, M; MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*, p. 183.

censura.¹² Além de firmar a criação de um tipo de literatura sem as preocupações estéticas como as que permeiam *Dom Casmurro*, esse foi o passo decisivo para a maciça circulação de uma literatura desvinculada das preocupações presentes na chamada literatura culta. Era, pois, uma literatura que não lançava mão da arte, da estética como meio de engajamento social ou político.

Desse modo, começou a entrar no país a cultura popular internacional de forma mais intensa e sistemática, em outras palavras, “passa a ser produzida no país, e sob grande controle ideológico, uma cultura voltada para as massas.”¹³ Esse controle ideológico era justamente a ação do Estado junto à produção artística de então, barrando qualquer forma de arte em cujo bojo fosse detectada alguma espécie de manifestação ideológica contrária aos propósitos da ditadura. Entrava, pois, em cena a chamada indústria cultural, lembrando que, atualmente, os produtos de tal indústria são analisados e estudados na medida em que são bons ou maus, próprios ou não ao desenvolvimento das potencialidades e projetos humanos, segundo Teixeira Coelho.¹⁴

Ao abordar o fenômeno da indústria cultural como um dos fatos que marcam a sociedade dos séculos XX e XXI, faz-se necessário lembrar que seu surgimento remonta ao século XV, com a invenção da imprensa, feita por Gutenberg. Entretanto, a partir de tal século, não é possível afirmar a existência de um tipo de cultura de massa. Apesar do surgimento dos tipos móveis de imprensa – primeiros meios de comunicação em massa – a cultura divulgada em si era uma cultura de elite. Assim, apenas o meio de comunicação, – e não a cultura de massa propriamente dita – passa a ter lugar em meio à sociedade, lembrando que, mesmo que a imprensa

¹² VELOSO, M; MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*, p. 183.

¹³ *Ibid.*, p. 184.

¹⁴ COELHO, T. *O que é Indústria Cultural*, p. 07.

pudesse produzir um número ilimitado de textos, o conteúdo de tais textos era para a elite, além do fato de que seu consumo era restrito à minoria letrada.

Dessa maneira, a cultura de massa – conseqüentemente as artes, posto que são produto da cultura – só vêm a ter real circulação a partir da Revolução Industrial, no século XVIII, pois é nesse período que aparecem os primeiros jornais, os quais, convém lembrar, eram os meios em que se publicavam os romances de folhetim, “que destilavam em episódios, e para amplo público, uma arte fácil que se servia de esquemas simplificadores para traçar um quadro da vida na época.”¹⁵ Era o princípio da literatura de massa. Desse modo, esse tipo de literatura, um típico produto da cultura de massa, apresenta um importante aspecto que o caracteriza e diferencia do tipo de literatura representada em *Dom Casmurro*: o fato de não ser consumido por aqueles que o produziam. Por conseguinte, consoante os valores da sociedade capitalista, essa cultura se consolida no século XX e adentra o século XXI com espantosa força.

A indústria cultural, e a literatura de massa – como um dos produtos dessa indústria – surgem como “funções do fenômeno de industrialização.”¹⁶ E para a sociedade capitalista, marcada pelo processo de industrialização, o maior padrão de avaliação “tende a ser a coisa, o bem, o produto; tudo é julgado como coisa, portanto tudo se transforma em coisa – inclusive o homem.”¹⁷ Ora, se o próprio homem, na sociedade contemporânea, se torna uma coisa, a sua produção literária também se torna um produto, um bem, comerciável, descartável, perecível, uma vez enquadrada nos valores dessa sociedade marcada pelo capitalismo, na qual a arte deixa de ser objeto de fruição estética e meio de desenvolvimento das já mencionadas potencialidades do ser humano. Mais uma vez, verifica-se a distância entre as

¹⁵ COELHO, T. *O que é Indústria Cultural*, p. 09.

¹⁶ *Ibid.*, p. 10.

¹⁷ *Ibid.*, p. 11.

motivações ideológicas da literatura de massa – em que o homem é fruto do meio – e a literatura produzida por Machado de Assis, em *Dom Casmurro* – na qual o homem é visto, como já se verificou, como indivíduo, e sua particularidade explorada por meio da descrição psicológica.

Em suma, esse tipo de literatura, em vez de desenvolver as potencialidades humanas, torna-se, nas palavras de Teixeira Coelho, um “produto padronizado, como uma espécie de *kit* para montar, um tipo de pré-confecção feito para atender necessidades e gostos médios de um público que não tem tempo de questionar o que consome.”¹⁸

Assim, no Brasil, durante a Ditadura Militar, a década de 1970 significou um período sem uma ideologia unificada, sem manifestos. Sua produção cultural foi desigual e dispersa. Ademais, instalou-se o chamado “vazio cultural”¹⁹, como lembram Veloso e Madeira. Era uma produção artística que levava em consideração a existência da cultura de massa. Uma cultura cuja literatura se sustenta na superficialidade da criação artística e na pobreza estética. Trata-se, pois, da literatura analisada nas linhas acima. Não é possível ignorar, entretanto, que nos anos 70, ocorreram, no país, significativos acontecimentos na esfera socioeconômica. Segundo Veloso e Madeira, o avanço científico e tecnológico alcançado pelas sociedades ocidentais modernas trouxe novas possibilidades de liberdade e controle sobre as pessoas, acarretando importantes mudanças no campo do capital e do trabalho e, conseqüentemente, nas relações sociais. Para as autoras, tal discrepância acarreta “uma simultaneidade de referências que, conectadas de

¹⁸ COELHO, T. *O que é Indústria Cultural*, p. 11.

¹⁹ VELOSO, M; MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura* p. 186.

forma muitas vezes desconcertante, aparecem disseminadas nos produtos postos em circulação pela indústria cultural.”²⁰

Nos anos 80 e 90 o sistema capitalista de economia, junto aos valores por ele acarretados, tornaram-se tão intrinsecamente ligados à sociedade, que a mesma nada mais é do que o resultado do processo que culminou com a “necessidade de consumo” de que, atualmente, os meios de comunicação em massa tanta propaganda fazem. Não obstante, esse momento revela um capitalismo que oscila entre benesses e malefícios. Ricos cada vez mais ricos e pobres cada vez mais pobres. Também é entre as décadas de 80 e 90 que se intensifica a cultura de consumo e se consolidam “movimentos sociais específicos, tais como os diversos movimentos jovens, o movimento negro, o feminista, o ambientalista.”²¹

À vista de todos, o Brasil tem de lidar com a dura realidade da permanente existência da exploração do trabalho infantil, do desemprego e do colonialismo cultural²². Manifestam-se novas formas de consumo, ao mesmo tempo em que aumentam a violência e o uso de drogas. Segundo Chiavenato, “a miséria e a fome são maiores que há vinte anos”²³ Tais fatos se dão “à medida em que se fornecem novos ‘prazeres’ ao homem, dando-lhe ‘conforto’ e ‘ilusões’ de desfrutar das conquistas do progresso.” Segundo o autor, rompeu-se a integridade humana. Os detentores do poder manipulam o desejo, a cobiça e as ilusões. Vivemos na sociedade das disparidades, fortemente consolidadas no século XXI. Nessa sociedade, as disparidades entre a dita literatura culta e a literatura de mercado, bem

²⁰ VELOSO, M; MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*, p. 195.

²¹ *Id.*

²² Trata-se de uma expressão usada por Júlio José Chiavenato, aqui adotada na medida em que o Brasil, como país periférico, fica à mercê da influência da cultura popular internacional, da qual um dos mais incisivos produtos nas camadas populares brasileiras é a literatura de mercado. Tal expressão também aponta para o contundente fato de que, numa posição entre a cultura elitizada internacional e as consequências da colonização na sociedade brasileira, o intelectual brasileiro se torna um mediador de culturas.

²³ CHIAVENATO, *Ética globalizada e sociedade de consumo*, p. 09.

como entre seus leitores se acentuam cada vez mais, pois, ainda que todos tenham acesso à cultura letrada culta, poucos gozam formação literária para com ela lidar. Vivemos a “superabundância de informação e a escassez de sentido”²⁴, na qual o ter, o possuir são o principal critério de classificação social. Quanto ao parâmetro de classificação literária, importa o consumir, o “estar ligado” no que há de novo. Aumentam os consumidores, diminuem os leitores.

Logo, o que diferencia a literatura de massa da literatura culta? Retomando, em poucas palavras, as especulações acerca daquela, é possível, nos dizeres de Muniz Sodré, afirmar que se trata de “todo tipo de narrativa produzida a partir de uma intenção industrial de atingir um público amplo.”²⁵ Já a literatura culta poderia ser comumente caracterizada como o “conjunto de obras reconhecidas como de qualidade superior ou pertencentes à ‘cultura elevada’ por instituições (aparelhos ideológicos) direta ou indiretamente vinculadas ao Estado (...)”²⁶ Todavia, a caracterização dessa literatura implica valores e conceitos bem mais fundamentados do que o título de culta. A princípio, a literatura, como objeto de fruição e criação estética, é construída a partir de uma teoria, cujas bases se fundam em pressupostos milenares. Em outras palavras, a verdadeira arte literária, cuja origem se situa no mundo greco-latino antigo, continua se perpetuando através dos tempos. Nela, importam aspectos humanos de caráter universal, o que a torna atemporal. Outro importante aspecto da literatura é a sua capacidade de influenciar pensamentos, pessoas, sociedades e eras, graças à elaboração peculiar de sua linguagem, articulada de modo a provocar, intrigar, esclarecer, convencer, transformar. Nas palavras de Roberto Acízelo de Souza, esta literatura – dita culta,

²⁴ VELOSO, M; MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*, p. 194.

²⁵ SODRÉ, M. *Best-seller: a literatura de mercado*, p. 75.

²⁶ *Id.*

por apresentar características distantes das presentes nos textos de massa – deixa de ser “apenas uma fantasia encantadora e comovente, para se apresentar como produção cultural tão plantada na realidade, na vida, quanto empenhada em revelar-lhes os aspectos mais esquivos à nossa compreensão.” A literatura culta é assim classificada por possuir essa gama de características especiais, as quais não se encontram na literatura de massa, a qual, como se viu, é elaborada na superficialidade das necessidades aparentes do seu público consumidor.

A partir de tais definições, cabe, na análise dos contrastes entre *Dom Casmurro* e a dita literatura de massa, enquadrá-lo como representante da literatura culta, pois além de preencher os requisitos citados, tal obra goza da também mencionada atemporalidade, visto que seus personagens são explorados em sua totalidade humana, independentemente de regionalismos, contextos históricos ou sociais. Na literatura de massa, isso não acontece. Ademais, verifica-se, na sociedade do século XXI, uma superficialidade, no que concerne ao ser humano em sua totalidade. Eis o primeiro aspecto por que, atualmente, a obra em questão, não desfruta de prestígio e reconhecimento em meio às camadas populares, uma vez que isso se dá nos círculos acadêmicos e ambientes mais intelectuais e letrados. Ao contrário, a literatura de massa não tem nenhum suporte escolar ou acadêmico. Ainda segundo Sodré, “seus estímulos partem do jogo econômico da oferta e procura, isto é, do próprio mercado.”²⁷

Um outro aspecto que diferencia obras como *Dom Casmurro* de textos representativos da literatura de mercado diz respeito ao conteúdo. Ao contrário de *Dom Casmurro*, em que se nota um trabalho com a linguagem e a reflexão sobre a técnica romanesca, nos textos de amplo alcance, “o que importa mesmo são os conteúdos fabulativos, destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando

²⁷ SODRÉ, M. *Best-seller: a literatura de mercado*, p. 06.

sua sensibilidade”²⁸. Daí a razão pela qual tais textos são popularmente chamados de “envolventes”, “emocionantes”, “chocantes”, uma vez que se estruturam na ação exterior, ao passo que a complexidade de caráter psicológico do objeto de estudo deste trabalho afasta o leitor comum, levando-o a alcunhar obras como a referida de “paradas”, “sem ação”, “sem emoção”. Ademais, como afirma Sodré, “o texto de massa é precisamente o tipo de produto capaz de espicaçar a ‘curiosidade universal’ (...)”²⁹ Desse modo, nas palavras do autor, aquele que lê tais textos projeta-se nas aventuras que estes lhe propõem, o que alimenta seu desejo de potência, de poder, e principalmente, de escapar às leis do cotidiano repetitivo e monótono. Assim, acontece uma “excitação” por parte desse leitor, provocada pela demasiada curiosidade dos tempos modernos. Curiosidade que se traduz no interesse pelo irreverente, pela aventura, pelo mistério, pelos romances inusitados, pelos casos inexplicáveis – temas que constituem a gama de produções da literatura de massa.

Com efeito, um dos mais importantes motivos pelos quais *Dom Casmurro* e outras obras do mesmo gênero – romance memorialístico de cunho psicológico – não são objeto de apreciação em meio às camadas de leitores comuns é o microrrealismo que estrutura a obra. Atentando para o fato de que a literatura de mercado se fia na superficialidade, na ação frenética e intensa, e reconhecendo que a atração do leitor contemporâneo por tal literatura se fundamenta em sua carência de aventura e quebra de rotina, obras de caráter psicológico caem em descrédito, deixam de ser lidas e ter seu real valor reconhecido.

Não obstante, a complexidade psicológica que estrutura o romance exige, da parte do leitor, uma interação com o narrador, de maneira que aquele possa analisar e se pronunciar sobre a obra a partir dos dados, descrições e situações

²⁸ SODRÉ, M. *Best-seller: a literatura de mercado*, p. 15.

²⁹ *Ibid.*, p. 16.

apresentadas pelo narrador. Retomando as palavras de Juracy Assmann, vale a pena lembrar que o narrador convoca o leitor a fazer parte do processo de produção da obra, “instigando-o a interpretar, constituir e recriar a narrativa pelo preenchimento das lacunas, as quais podem levar à rejeição do processo de denúncia.”³⁰ Não obstante, quanto à obra de Machado, no que diz respeito à relação que se estabelece entre o leitor e o texto, Muniz Sodré afirma que “o leitor é também co-autor do texto, na medida em que participa ativamente da produção significativa, ajudando a estabelecer o sentido.”³¹ Esta é a fundamentação para as digressões do narrador ante o leitor, numa espécie de intimação para que este interaja durante a narrativa.

Daí a exigência de que o leitor de *Dom Casmurro* desfrute de uma formação literária além da que possui o leitor comum, pois, como lembra Sodré, “é preciso que o leitor seja também produtor (e não apenas consumidor) do texto, reconhecendo-lhe as sutilezas, os lirismos, as metafísicas.”³² Reitera-se, portanto, a ausência de tais exigências na literatura de massa, já que sua primazia pela ação exacerbada, em contraste com o realismo psicológico de *Dom Casmurro*, é o atrativo para o homem contemporâneo, marcado pela rotina, pelo stress, pelos problemas psicossociais e pela cauterização a que a mídia capitalista e consumista submete sua mente. Assim, na sociedade contemporânea, massifica-se a comunicação, a cultura, as artes, a literatura e, por fim, o leitor.

Enfim, é a perspicácia de Machado, presente em *Dom Casmurro*, expressa por meio do realismo psicológico, o grande divisor de águas no que se refere à disposição do leitor em não apenas ler, mas estudar e apreciar a obra, fato que não se dá na literatura de massa, vez que a simplicidade e superficialidade das

³⁰ SARAIVA, J. A. *O circuito das memórias em Machado de Assis*, p.121.

³¹ SODRÉ, M. *Teoria da literatura de massa*, p. 22.

³² SODRÉ, M. *Best-seller: a literatura de mercado*, p. 15.

produções em questão não permitem a gama de estudos que, referentes a *Dom Casmurro*, constituem amplo material bibliográfico. Material que se estende desde o momento em que a obra passou a circular, no período de transição do século XIX para o século XX, até o século XXI, marcado, pela presença da literatura de massa. Ainda quanto à sua perspicácia, Machado, segundo John Gledson, sabia que o leitor cometeria erros ao ler sua obra-prima. Eis uma das razões pelas quais, ainda segundo o autor, existe, na obra, “uma verdade a ser adivinhada pelo leitor *cuidadoso e perspicaz* (grifo meu)”³³ Em outras palavras, o leitor do romance aqui estudado não deve ser o leitor massificado – um mero consumidor – dos *best-sellers* da cultura de mercado capitalista. Em suma, mediante as disparidades entre obras de alcance mercadológico e *Dom Casmurro* – exemplo aqui tomado entre obras de considerável apuro literário –, conclui-se que o leitor da obra em questão deve gozar de um gosto literário mais denso, mais apurado, mais profundo, uma vez que a riqueza da obra está justamente em sua profundidade psicológica. Assim, não se deve esquecer que, citado por Gledson, Múcio Leão lembra que “*Machado se delicia em ser incompreendido* (grifo meu).”³⁴

³³ GLEDSON, J. *Machado de Assis: Impostura Realismo*, p. e 19.

³⁴ *Id.*

Conclusão

Em face do desenvolvimento das sociedades, associado ao consumo, como palavra que resume o ideário do sistema capitalista de economia, é possível, a partir do estudo desenvolvido neste trabalho de monografia, afirmar que o alcance da literatura de massa é cada vez maior, vez que a superficialidade das obras que a representam implica um maior público leitor, e, cabe lembrar, consumidor. Na sociedade do consumo, a arte se torna um bem comerciável, passível, como qualquer produto industrializado, de ser comprado, usado e descartado por esse público. Um público que, também massificado pela cultura mercadológica, não está preparado para lidar com a literatura da qual *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, é representante.

Lembrando que tal afirmação não se baseia em preconceitos ou juízos de valor, mas no lamentável fato de que a arte consagrada do microrrealismo machadiano, presente em *Dom Casmurro*, tem reconhecimento apenas nas camadas mais intelectualizadas e letradas da população, faz-se necessário analisar o ponto até o qual os textos de massa, tão lidos e tão presentes nas diversas camadas da sociedade brasileira do século XXI, podem impedir que mais pessoas possam conhecer a literatura representada em *Dom Casmurro*. Uma literatura que se revela num profundo mergulho na vastidão interior dos personagens.

Referências

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Abril, 1971.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura Brasileira: origens e unidade. Vol I*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- CASTRO, Sílvio. *Da história da Literatura Brasileira. Vol II*. Alfa: Lisboa, 1999.
- CHIAVENATO, Júlio José. *Ética globalizada e sociedade de consumo*. São Paulo: Moderna, 1998.
- COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- COUTINHO, Afrânio. & COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil. Vol IV*. 5.ed. São Paulo: Global, 1999.
- COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia Brasileira de Literatura. Vol II*. São Paulo: Global, 2001.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e Realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- SARAIVA, Juracy Assmann. *O circuito das memórias em Machado de Assis*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 1993.
- SECCHIN, Antônio Carlos; ALMEIDA, José Maurício Gomesde; SOUZA, Ronaltes de Melo (Orgs.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In Fólio, 1998.
- SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 10.ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- SOUZA, Roberto Acízelo. *Teoria da literatura*. 7.ed. São Paulo: Ática, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. *Normas para apresentação de documentos científicos*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

VELOSO, Mariza & MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.